



### Editorial

#### Prezados (as) leitores (as)!

Ao final de um ano difícil, é com esperança, alegria e compromisso socioambiental que estamos lançando mais um número da REMEA a comunidade em geral. O último de 2017, que carrega alguns dos frutos do ano, e ao fim traz o anúncio de força e resistência dos educadores e educadoras ambientais. Nesta edição tivemos diversas contribuições aos fundamentos da Educação Ambiental (EA), por meio do estudo da obra de Dussel, da hermenêutica e da antropologia. Tivemos análises bibliográficas, de materiais educativos, de percepções e espaços para a EA. Tivemos também o prazer de acolher uma escrita que trata de nossos companheiros educadores em Moçambique. Apresentamos a seguir todos os trabalhos que trazemos nesta edição.

Em “Educação escolar indígena na perspectiva da educação popular: em defesa da pedagogia cosmo-antropológica” de Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira e Jaime José Zitkoski descreve os resultados de uma pesquisa etnográfica com as Comunidades Mayrob, Apiaká e Kayabi no município de Juara-MT.

O artigo “Ética, política e vida perpétua em Enrique Dussel: fundamentos para a Educação Ambiental” de Alípio Márcio Dias Casali expõe, de modo introdutório, os fundamentos éticos-ecológicos-políticos na obra do filósofo argentino-mexicano Enrique Dussel.

Em seguida, “Alimentos, saberes e educação para o “bem viver”: os camponeses um passo adiante” de Cezar Luiz De Mari, Philippe Drumond Villas Boas Tavares e Valter Machado da Fonseca buscou demonstrar como os movimentos sociais do campo no Brasil, em especial as experiências históricas do Movimento Sem-Terra - MST e Via Campesina têm contribuído para a construção do conceito de Bem Viver como alternativa à produção convencional de alimentos.

O trabalho intitulado “Educar para a sustentabilidade: administração pública federal brasileira em foco” de Ananélia Meireles Dubois, Andreia Pereira Silverio e Luiz Caldeira Brant de Tolentino-Neto discute o modo de implementação da sustentabilidade nas compras públicas de papel de três organizações públicas federais, e indica o caráter distintivo da educação nesse processo.

O artigo “Um estado da questão sobre ambientalização curricular na educação superior brasileira: práticas, desafios e potencialidades” de Junior Cesar Mota e Dione Iara Silveira Kitzmann buscou analisar o que tem sido produzido em relação à ambientalização,

para que se possa ter uma visão de para onde se quer ir, e como/por que construir os próximos caminhos a serem trilhados.

Contribuindo também com os fundamentos da EA, o trabalho “A hermenêutica na educação ambiental: a compreensão como pesquisador e a interpretação para a pesquisa” de Denise Lemke Carletto, Ananda Nocchi Rockett e Antonio Fernando Silveira Guerra apresenta fundamentos e princípios da hermenêutica e suas contribuições para a pesquisa e para o(a) pesquisador(a) em Educação Ambiental.

O texto “Concepções de municípios da cidade de Rio Claro sobre a arborização urbana” de Éllen da Silva Garcia e Dalva Maria Bianchini Bonotto objetivou investigar as concepções de municípios da cidade de Rio Claro-SP sobre a arborização urbana, tentando analisar os significados do tema para essa população.

Na temática “Latas d’água nas cabeças: percepções sobre a água na comunidade quilombola de Mata Cavalo” as autoras Priscilla Mona Amorim, Regina Aparecida Silva e Michèle Tomoko Sato buscaram compreender a percepção que os quilombolas de Mata Cavalo têm sobre a água.

“*Impacto de la educación ambiental en las comunidades próximas del parque nacional de Gorongosa - estudio de caso comunidad de Nhambita*”, texto de Domingos Brisito Jequecene, Miguel Y. Ramírez Sánchez e Rodrigo Florencio da Silva dedica-se ao estudo do impacto da Educação Ambiental nas comunidades próximas do Parque Nacional de Gorongosa (PNG) na República de Moçambique e em particular à comunidade de Nhambita. Já Átila Bruno de Moraes Almeida e Joedla Rodrigues de Lima apresentam aos leitores da REMEA a “Percepção de discentes do ensino médio da cidade de Itapetim (PE) sobre meio ambiente”.

Na escrita intitulada “Educação ambiental e interdisciplinaridade: um olhar sobre as ações extensionistas da área de conhecimento “meio ambiente e sustentabilidade” de uma IES do sudoeste da Bahia” de Celeste Dias Amorim, Luiz Artur dos Santos Cestari e Milton Ferreira da Silva Júnior buscou refletir sobre a educação ambiental e a interdisciplinaridade visualizadas nas ações extensionistas, em confluência com os modelos de educação e o debate sobre a crise paradigmática. Em tempos de neoliberalismo, pensar o tema “Os riscos, a vulnerabilidade ambiental e o estado capitalista: a proposta de uma educação ambiental como ato político” é o convite dos autores Leonardo Biagi de Andrade e Vicente Paulo dos Santos Pinto.

O trabalho intitulado “Notas teórico-metodológicas sobre a pesquisa etnográfica na área de educação ambiental” de Gianpaolo Knoller Adomilli, Martín César Tempass e Raizza da Costa Lopes também traz importantes contribuições para os fundamentos e métodos da EA, numa perspectiva antropológica.

O tema “Estética e educação ambiental: primeiras reflexões sobre cenários e imagens no processo de alienação da natureza” de Luciana Simões Rodrigues Nunes e Alexandre Maia do Bomfim apresenta uma reflexão que problematiza riscos ambientais, o individualismo crescente e a relação entre a construção de subjetividades e a estética hegemônica, de objetificação da natureza.

As autoras Cristiane Magalhães Bissaco e Dalva Maria Bianchini Bonotto apresentam no texto “Valores ambientais na educação infantil” um olhar para as práticas docentes – ações diretas de professores com crianças em idade pré-escolar e os diálogos decorrentes dessas ações, considerando a criança como um ser sócio histórico, buscando

compreender os sentidos que são construídos a partir dessas práticas docentes e as possibilidades e limites de tais práticas para a construção de valores voltados ao meio ambiente.

O artigo “Avaliação de materiais educativos sobre recursos hídricos” de Daniel Shimada Brotto e Danielle Alves Leão avaliou materiais educativos sobre recursos hídricos produzidos por órgãos governamentais, empresas, organizações não governamentais, instituições filantrópicas e outros, tanto documentos impressos quanto digitais, num estudo de corpus extenso.

O trabalho intitulado “A escola como espaço de práticas educativas e de pesquisa em Permacultura: estado da arte da produção científica” de Daniela Tomio, Daniela Andersen e Luciane Schulz nos apresenta outro estudo bibliográfico objetivando caracterizar compreensões e métodos das pesquisas sobre práticas educativas em permacultura na escola, divulgadas na produção científica brasileira.

Em “Centro de Educação Ambiental: um espaço não formal de Educação Ambiental na visão de professores das escolas estaduais de Itaúna – MG” de Bruna Martins, Catarina Teixeira e Fabrício Sousa buscou-se avaliar as potencialidades dos espaços não formais de educação ambiental (EA) e analisar como os professores visam trabalhar EA no Centro Municipal de Educação Ambiental Rio São João (CEA), localizado no município de Itaúna, MG.

Por fim, apresentamos a versão revisada e ampliada do inspirador discurso de abertura do IX Fórum Brasileiro – IX FBFA e IV Encontro Catarinense de Educação Ambiental - IV ECEA, realizado em 17 de setembro de 2017 na cidade de Balneário Camboriú, Santa Catarina, intitulado “Jamais seremos calados, jamais seremos vencidos: 25 anos depois, os educadores e educadoras ambientais ainda resistem” de Antonio Fernando Silveira Guerra.

Agradecemos as múltiplas contribuições recebidas dos diferentes autores (as), colaboradores e pareceristas. Que esta edição apresentada em tempos tão sombrios renove nossas esperanças para mais um ano de lutas e superações.

*Vilmar Alves Pereira* – Editor Chefe

*Paula Corrêa Henning* – Editora Adjunta

*Jacqueline Carrilho Eichenberger* – Editora Gerente

*João Fernando Ferrari Nogueira* – Assistente Editorial

*Márcia Pereira da Silva* – Assistente Editorial

*Alessandra Delgado dos Santos* – Assistente Editorial